

Pacientes são recuperáveis

A abolição do enclausuramento nos hospitais psiquiátricos começou com uma iniciativa inédita em nível público no Distrito Federal com a criação do Instituto de Saúde Mental nas instalações da Granja do Riacho Fundo. A iniciativa fugiu dos moldes conhecidos dos hospitais psiquiátricos que, à primeira vista, mais parecem asilos ou depósitos para pessoas rejeitadas. O Instituto passou a funcionar como um Hospital-dia, onde o paciente passa o dia desenvolvendo atividades especiais de reabilitação que permitem a sua reintegração à vida social e à noite volta para casa, sem perder, dessa maneira, os vínculos afetivos com sua família.

A nova proposta em assistência à saúde mental converteu-se em uma alternativa mais humana e menos violenta para o tratamento dos pacientes com doença mental, em que psiquiatras, psicólogos, enfermeiros, terapeutas e, sobretudo, a própria comunidade trabalham em conjunto não só para tratar o portador de doenças mentais, mas também para ajudá-lo a reintegrar-se à vida familiar e à comunidade.

Sem choques — Esse tipo de tratamento foge dos modelos das instituições psiquiátricas tradicionais, onde os pacientes estão sujeitos à aplicação de choques elétricos ou ao uso abusivo de psicotrópicos, além de submetidos a rígidos controles de horários, tanto para levantar, comer, tomar banho de sol e dormir. Tratamento que cria uma total dependência do paciente com o corpo clínico, sem que este de fato tenha mai-

ores compromissos com a reintegração do doente à vida social.

Entre paredes, enclausurados como em prisões, esses pacientes correm riscos de perder ainda mais rápido seus referenciais de liberdade e cidadania, como apontam psiquiatras e especialistas no assunto. Diferente de tudo, o Hospital-dia da Granja do Riacho Fundo estabelece-se cada vez mais com sua nova psiquiatria, de terapias de grupo, de atividades paralelas com profissionais preparados para esse fim e, essencialmente, de portões abertos.

A interação de toda a equipe tornou o atendimento do Hospital-dia uma espécie de "serviço personalizado", como observa a diretora do estabelecimento, Ridete Gomes de Carvalho. O resultado dessa "cumplicidade" é a resposta positiva do paciente, quando esquizofrênico, que academicamente seriam pessoas frias no relacionamento, tornam-se alegres e bastante expressivos.

Apoio familiar — O contato com a família é outro componente importante do tratamento, como avalia Ridete. "Nessa oportunidade o paciente mantém sua ligação afetiva com seu meio social, possibilitando uma recuperação mais rápida e sustentada", salienta. Nesse processo, os pacientes vão aos poucos ampliando suas atividades no meio social, conseguindo amigos e obtendo empregos. Na fase adiantada do tratamento, eles já diminuem as visitas ao instituto, mas o acompanhamento continua sendo integral, já que a família, nesse ponto, torna-se o meio mais ativo para a recuperação e ressocialização. Graças a essa nova psiquiatria, muitas pessoas que passaram pelo Hospital-dia hoje já levam vida normal, têm empregos e integraram-se à sociedade.